Boletim Operário 345

Caxias do Sul, 10 de julho de 2015.

Reclamo dos Trabalhadores Italianos

Ilmo. Exmo. Sr. Chefe de Polícia

Os italianos Arzani Pietro, Rogni Francesco, Depreti Carlo e Demaddalena Carlo, como todos aqueles que pouco ou nada podem explicar-se em português, queixando-se à esta filantrópica Sociedade que tendo eles trabalhado na fábrica de tijolos dos Srs. Emigídio Sá Ferreira e Luís Francisco Renato dos Santos, moradores na rua Himaitá, nº 59.
Estes Srs., desde o dia 8 do corrente mês, recusam-se de pagá-los – a quantia devida é de 834$800 – entretanto os pobres trabalhadores ficam sem poder trabalhar e sem recursos. Tanto abuso de parte de semelhantes patrões, é uma verdadeira provocação a desordem.
A Sociedade Franzini, tem evitado muitos conflitos e pacificado sempre com a boa vontade dos patrões e diretores de Obras, mas na presente questão, não é fácil, pois os ditos Senhores tijoleiros a cada pacífica pergunta, respondem com a mais grosseira insolência.
No intuito de prevenir qualquer desordem como também da salvaguarda dos direitos dos seus consócios, esta Sociedade pede a intervenção de V. Autoridade para fazer cessar semelhante abuso.
Com a maior consideração me assino de V. Exmo. O humilde criado.
Capital Federal, 17 de dezembro de 1891.
General M.M. Franzini
Presidente Honorário
Trabalho e Direito, Rio, 19 de dezembro de 1891.

Os presídios industriais
Fábrica do Ipiranguinha
Apesar dos nossos esforços, tem-nos sido extremamente difícil obter informações completas sobre as condições operárias dos diversos lugares e das diferentes prisões da indústria – fábricas ou oficinas. O operário, habituado à servidão, com medo de perder o escasso pão penosamente ganho, cala-se e humilha-se, ou contradiz o que antes afirmou, ou ainda pior, faz-se solidário com o patrão ou contramestre, em declarações de jornal ou em manifestações públicas, como há meses contra o Avanti!
O fato explica-se facilmente. E dele resulta a dificuldade extrema duma tarefa que desejaríamos ter começado há muito tempo: a de desmentir com fatos a idiota ou velhaca afirmação de que no Brasil não há razão suficiente para o protesto operário! É, afinal, o que já temos feito sob outros pontos de vista.
Pouco a pouco diremos o que se passa nas galés industriais do Brasil, e para começar, damos hoje algumas notas sobre a fábrica de tecidos de algodão do Ipiranguinha, a pequena distância de aqui, em São Bernardo, fábrica que a greve ali declarada atualmente veio por em foco.
A fábrica do Ipiranguinha emprega, das 5,30 da manhã às 6,30 da tarde, com 1 hora para o almoçi, perto de 500 operários, os mais novos dos quais estão ali há uns três anos. Na fiação a maioria dos operários oscila de 10 e 30 mil réis mensais; e note-se que as crianças – metidas na prisão naquela idade, em que o ar e a luz são tão necessários – em vez de serem auxiliares da família, são aproveitadas pela indústria como concorrentes aos adultos, cujos salários elas fazem rebaixar.
Na tituraria, os operários trabalham 11 horas diárias em cima da tina cheia de água a 50 graus e com ácidos! Muitas vezes os tintureiros são obrigados a ficar em casa porque têm as mãos cozidas – cozidas! É o termo! Tudo isto por 300 réis por hora.
A tecelagem é numa sala com 4 janelas e 150 operários. O salário é por obra. No começo da fábrica, os tecelões ganhavam em média 170$000 réis mensais. Mais tarde não conseguiam ganhar mais do que 90$000; e pelo último rebaixamento, a média era de 75$000!
E sea vida fosse barata! Mas as casas que a fábrica aluga, com dois quartos e cozinha, são a 20$000 réis por mês; as outras são de 25$ a 30$000 réis.
Quanto aos gêneros de primeira necessidade, em regra custam mais do que em São Paulo.
E há muito pior. O armazém da fábrica leva mais caro ainda do que fora, e desconta no salário a despesa feita durante o mês! Às vezes o salário fica lá todo! Se por isso o operário precisa de dinheiro para pagar a casa, a fábrica empresta-lhe, ficando com um crédito sobre o futuro salário.
Este engenhoso sistema de exploração múltipla, com a casa, com a venda de gêneros e com a oficina – quase toda a exploração burguesa reunida – iremos encontra-la noutras penitenciárias industriais e agrícolas deste abençoado país!
A tudo isto juntemos as péssimas condições higiênicas do presidio e o feroz autoritarismo ali reinante. Se, por exemplo, um operário está mais de 5 minutos na latrina, o guarda começa a dar pontapés na porta.
O gerente é um tal Joaquim Seabra Soares, déspota que não conhece o serviço e a cuja incapacidade, segundo os operários, é devida a atual greve.
Já um mês antes da greve o salário foi rebaixado de modo que os operários ficaram a ganhar uns 20 por cento menos. A vida duma família operária, trabalhando todos, torna-se impossível. A agitação começou e os operários mandaram uma comissão ao patrão, que insultou e fez vagas promessas para depois...
A imposição absurda feita aos tecelões de cada um produzir 40 metros por dia determinou a greve, que começou no dia 23 de fevereiro na tecelagem, sendo então suspensas as outras seções, que reabriram depois, - o que os grevistas não consideraram nocivo à sua causa.
Os grevistas mantêm-se solidários, apesar do patrão que ameaça fechar a fábrica por seis meses. O dinheiro que recolhem é empregado em gêneros.
A Federação Operária encarregou alguns operários, Moscoso, Leuenroth, Sorelli, Cimatti, Vassimon, sucessivamente, de levarem aos grevistas uma palavra de solidariedade, abriu uma subscrição e publicou um pequeno manifesto.
A polícia, é claro, não podia de deixar de querer manter a ordem... patronal. Quando o companheiro Vassimon foi a São Bernardo, o delegado perguntou-lhe o que ele tencionava dizer na reunião, e disse que não permitiria que se referisse à greve. Quando alguém lhe observou que a Constituição garantia... o pequeno tzar atalhou logo: "Sim, mas eu não quero"!
Em parte deveríamos agradecer-lhe o ter contribuído com um fato para a demonstração do que tantas vezes temos afirmado: que as constituições são simples trapos que não garantem nada, a não ser o que já está garantido pela consciência, solidariedade e energia dos interessados.
Ao mesmo tempo, os patrões defendem-se com a mentira. No Fanfulla publicaram um carta, digna de longo comentário. É pena que nos falte espaço. São beneméritos da pátria, enchem de favores os seus operários, que ricos e felizes, - e para provar isso tudo apresentam números... que têm o leve defeito de serem falsos! Alguns dos operários marcados na lista publicada no Fanfulla, como ganhando bons ordenados, no último mês, não trabalham na fábria há muito tempo! É o cúmulo!
A Terra Livre
São Paulo, 24 de março de 1906.